

VI

Redenção, liberdade e serviço: fundamentos para uma educação superior adventista

*Redemption, freedom and service: the making of an Adventist
higher education*

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil



Adolfo Semo Suárez

Formado em Teologia e Pedagogia, Adolfo Suárez é doutor em Ciências da Religião e Pós-Doutor em Teologia Sistemática. É Coordenador de Graduação da Faculdade Adventista de Teologia, no UNASP-EC, onde também leciona na Graduação e Pós-Graduação. É autor de diversos livros, dentre os quais “Redenção, Liberdade e Serviço – Ellen G. White e o Processo de Construção Humana” e “Nos Passos do Mestre – A Essência do Discipulado Bíblico”. Além disso, é coautor da Coleção Interativa de Ensino Religioso da CPB, material didático para estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio das Escolas Adventistas.

Resumen

Algo que chama a atenção nos escritos de Ellen G. White, entre outras coisas, é a estrutura implícita que subjaz à sua obra, onde os conceitos de redenção, liberdade e serviço são elementos centrais. Assim, o objetivo desta artigo é descrever e analisar brevemente esses conceitos, refletindo sobre suas implicações para a fundamentação da Educação Superior Adventista, caracterizando-a como possuidora de uma teoria e prática transformadoras.

Palabras llave: Educação adventista, Ellen G. White, educação Superior.

Abstract

Something that stands out in the writings of Ellen G. White, among other things, is the implicit structure that underlies his work, where the redemption of concepts, freedom and service are central elements. The objective of this article is to describe and briefly analyze these concepts, reflecting on its implications for the reasoning of Adventist Higher Education, characterizing it as having a theory and transformative practice.

Keywords: Adventist education, Ellen G. White, Higher education

introdução

A expressão “Fatores Críticos de Sucesso” é algo fundamental no mundo empresarial, e se refere aos “pontos chave que definem o sucesso ou o fracasso de um objetivo definido por um planejamento de determinada organização. Estes fatores precisam ser encontrados pelo estudo sobre os próprios objetivos, derivados deles, sobreviva e tenha sucesso na sua área. Quando bem definidos, os fatores críticos de sucesso se tornam um ponto de referência para toda a organização em suas atividades voltadas para a sua missão”.¹

Quais seriam os fatores críticos de sucesso no ensino superior? Essa é uma pergunta importante, e a resposta deveria interessar a todos os que lidam como o ensino universitário.

Há diversos estudos apontando quais são os fatores críticos de sucesso no ensino superior brasileiro, e creio que, na essência, os resultados são similares à realidade da América do Sul. Vou me referir a um desses estudos, que agrupa os fatores de sucesso nos três níveis de organização dos quais uma instituição superior depende: níveis estratégico, administrativo e pedagógico. Considerando estes três níveis, e da perspectiva de dirigentes de instituições superiores, treze são os principais fatores de sucesso de uma instituição de ensino superior no Brasil (Lima, et al 2012):

NÍVEL ESTRATÉGICO
Localização geográfica (proximidade da faculdade/universidade da casa ou trabalho)
Tradição da instituição (status da instituição de ensino)
Imagem da organização (reputação do curso e da faculdade/universidade)
Garantia de reconhecimento do curso (avaliação do MEC do curso oferecido pela instituição de ensino)
Valor da mensalidade menor que a concorrência
Parceria com outra instituição de ensino superior de reconhecimento nacional
NÍVEL ADMINISTRATIVO
Infraestrutura (qualidade das instalações da faculdade/universidade)
Campanha publicitária periódica (campanha de marketing da faculdade/universidade)
Serviços de secretaria e de pessoal (atendimentos dos funcionários da faculdade/universidade)

¹http://pt.wikipedia.org/wiki/Fatores_cr%C3%ADticos_de_sucesso. Acesso em 16 de janeiro de 2015.

NÍVEL PEDAGÓGICO
Qualificação do corpo docente (qualidade da faculdade/universidade no ensino/aprendizado)
Atualização do corpo docente
Interação da coordenação com o corpo docente
Integração dos alunos com a instituição
Metodologia aplicada à realidade do mercado de trabalho (atividades em sala de aula e fora dela simulando a vida real)

Eu não tenho dúvida de que é muito importante refletir nestes fatores de sucesso. Entretanto, seria suficiente medir o sucesso de uma instituição de ensino superior, e em especial uma instituição confessional como a nossa, com apenas esses elementos acima mencionados? Eu creio que não, a começar pela significação do que seja “sucesso”. Em nosso caso, como instituição cristã de ensino superior, o que é sucesso? Eu penso que é a operacionalização eficaz de nossa visão, missão e lema que deveria medir o nosso sucesso.² Obviamente, quando essa operacionalização acontece, são considerados com seriedade os aspectos estratégico, administrativo e pedagógico. Todavia, quando os aspectos estratégico, administrativo e pedagógico tomam a dianteira, nem sempre há espaço para a visão, missão e lema.

Minha reflexão tem o objetivo de mostrar que os conceitos de redenção, liberdade e serviço, conforme abordados nos escritos de Ellen G. White, são o fundamento da educação adventista, e especificamente do Ensino Superior, e sua operacionalização garante o sucesso de nossa trabalho. Assim, eu vou descrever e analisar brevemente esses conceitos, refletindo sobre suas implicações para a educação superior adventista.

Entretanto, antes de continuar, alguém pode se perguntar: Por que esses três aspectos: redenção, liberdade e serviço? Ao ler os textos educacionais de Ellen G. White, algo que me chama a atenção, entre outras coisas, é a estrutura implícita em seus escritos educacionais. Assim, depois de cuidadosa leitura e análise, eu cheguei à conclusão de que os conceitos de redenção, liberdade e serviço são os elementos centrais dos ensinamentos educacionais whiteanos, os quais causam um impacto notório na prática educacional que ela propõe (Suarez, 2012). Antes de serem educacionais, esses três conceitos são bíblicos e teológicos. Mas não é o propósito desta apresentação seguir por esse viés.

²No UNASP, a **visão** é: “Ser um centro universitário reconhecido pela excelência dos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos”; a **missão**: “Excelência no servir”; o **lema**: “Educar e servir”.

A abordagem educacional que leve em conta a tríade redenção-liberdade-serviço é fundamental para a compreensão da pedagogia de Ellen G. White, pois nota-se que ela trabalha esses conceitos de maneira intensa – embora não sistemática – em todo o conjunto de sua obra, e especialmente nos livros que compõem sua bibliografia específica na área de educação.

De modo que eu estou convencido que as ideias educacionais whiteanas estão fundamentadas nessa tríade, conferindo-lhe uma perspectiva religiosa e espiritual (redenção), cognitivo e emocional (liberdade) e físico e social (serviço), justamente os pilares de uma educação holística, complexa.

1. Redenção: aspectos religioso e espiritual

Começamos pela redenção, que fundamenta os aspectos religioso e espiritual da educação superior adventista.

Ellen G. White afirma que “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma”.³ Com isto, ela não quer dizer que a educação cristã despreze as questões seculares ou materiais. Tampouco quer dizer que a educação limita-se a reflexões religiosas ou espirituais. Ela mesma afirma, por exemplo, que “o intelecto humano precisa expandir-se, e adquirir vigor, agudeza e atividade [...] A mente deve idear, trabalhar e esforçar-se a fim de dar solidez e vigor ao intelecto” (White, 1923). Obviamente, então, não entra em questão aqui um tipo de educação que despreze o preparo cognitivo.

A educação como sinônimo de redenção permite transportar “os alvos educacionais dos limites do imediato para o âmbito das realidades eternas”. (Standish C. y Standish R., 2002). Além do mais, “colocar a educação no âmbito do eterno é realmente ampliar o sentido e o significado daquilo que está acontecendo no presente”. (Ibid)

Justamente no sentido de cuidar com uma educação limitada em sua abrangência, falando aos dirigentes da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) na década de 1870, White (1978) afirmou que as ideias deles acerca da educação eram demasiadamente acanhadas. Era necessário “um escopo mais amplo” e “um objetivo mais elevado” (p.13). Esta educação mais ampla é possibilitada pela similaridade proposta entre educação e redenção, similaridade esta que, como já foi dito, permite transportar os objetivos educacionais dos limites do imediato para o campo das realidades eternas.

³WHITE, Ellen G. *Education*, p. 30. “In the highest sense the work of education and the work of redemption are one, for in education, as in redemption, “other foundation can no man lay than that is laid, which is Jesus Christ.” “It was the good pleasure of the Father that in Him should all the fullness dwell.” 1 Corinthians 3:11; Colossians 1:19, R.V”.

Mas, qual seria esse “escopo mais amplo” e esse “objetivo mais elevado”? Há um pequeno parágrafo – que certamente vocês conhecem – que descreve aquilo que pode ser considerado, sinteticamente, o conceito whiteano fundamental e objetivo último da educação, a partir do qual se depreendem as particularidades que caracterizam sua prática pedagógica. Esse pequeno parágrafo aponta, resumidamente, para a extensão propiciada por uma educação redentiva. White (1978) afirma:

A verdadeira educação significa mais do que avançar numa determinada série de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Ela tem que ver com todo o ser, e com todo o período de existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmonioso dos poderes físicos, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a alegria do serviço neste mundo e para a alegria mais elevada de um serviço mais amplo no mundo por vir.

A partir deste parágrafo, é possível perceber pelo menos três aspectos de uma educação redentiva:

(1) A educação redentiva impacta o estudante durante toda a sua vida, preenchendo todas as circunstâncias e espaços em que se encontre (“todo o período de existência possível ao homem”).

O que isto tem a ver com o Ensino Superior?

Precisamos desenvolver uma práxis pedagógica que vá além da sala de aula. Nossos conteúdos e nossas abordagens não podem encontrar seu auge nas provas e exames, ou no comprimento dos requisitos acadêmicos, ainda que estes sejam necessários a uma disciplina. O nosso ensino precisa impactar “todo o período de existência possível ao ser humano”. Isso quer dizer, entre outras coisas, que num ensino superior redentivo, a sala de aula é apenas o início de um processo que nunca acaba.

É por esta razão que a educação superior adventista precisa insistir na prática da integração entre a fé e o ensino-aprendizado, pois é deste modo que qualquer disciplina de qualquer faculdade poderá colocar o estudante no âmbito do eterno, ampliando-lhe o sentido e o significado daquilo que está acontecendo no presente.

Há diversos temas que poderiam impactar o estudante durante toda a sua vida, temas estes que podem fazer parte de reflexões não apenas das aulas de Ensino Religioso; pense nestes:

- **Consciência de Deus:** Levar o estudante a conhecer e praticar a vontade de Deus e o relacionamento com Ele.
- **Aceitação da Bíblia:** Promover a Bíblia como a Palavra de Deus, tendo em seus princípios o referencial de conduta.
- **Desenvolvimento do Pensamento Crítico:** Promover o desenvolvimento do senso crítico e pensamento reflexivo, tornando o estudante pensador e não refletor dos pensamentos alheios.
- **Valorização da Saúde:** Promover a aquisição de hábitos saudáveis pelo conhecimento do corpo e das leis que o regem.
- **Envolvimento nos Deveres Práticos e Cidadania:** Incentivar o desenvolvimento dos deveres práticos da vida diária, assim como o exercício de uma verdadeira cidadania.
- **Valorização da Autonomia:** Promover a autonomia e a autenticidade alicerçadas nos valores bíblico-cristãos.
- **Desenvolvimento de Relacionamentos Interpessoais:** Resgatar os bons relacionamentos interpessoais, assim como espírito cooperativo.

(2) Um segundo aspecto da educação redentiva: é capaz de alcançar o estudante em toda sua complexidade, possibilitando o desenvolvimento do discente em todas suas potencialidades (“ela tem que ver com todo o ser... É o desenvolvimento harmonioso dos poderes físicos, intelectuais e espirituais”).

O que isto tem a ver com o ensino superior?

Nossos planos de ensino e nossas aulas precisam desenvolver no estudante todas suas potencialidades, e não apenas as habilidades cognitivas. Por que? Porque uma prática pedagógica que alcance o sujeito em toda sua complexidade, além de atender ao discente, promovendo seu desenvolvimento completo, sintoniza-o com a demanda da sociedade, aonde se vive-se multidimensionalmente, exigindo uma formação e postura igualmente amplas. Uma educação que “tem que ver com todo o ser” está em sintonia com as demandas da contemporaneidade.

Há diversas ações que, neste sentido, poderíamos incentivar nos estudantes, e que certamente tem a ver com a complexidade humana. Pense nestas:

- Ensiná-los a valorizar o que é espiritual.
- Ajudá-los a desenvolver caráter íntegro.

- Ajudá-los a ter equilíbrio emocional.
- Ensiná-los a desenvolver a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões.
- Propiciar atividades que requeiram esforço físico.
- Propiciar atividades que colaborem no desprendimento de si mesmo e solidariedade.

(3) e um terceiro aspecto da educação redentiva é: prepara para o serviço (“prepara o estudante para a alegria do serviço neste mundo”).

Eu comentarei o assunto do serviço um pouco à frente neste artigo. Por enquanto eu devo dizer o seguinte: a redenção pode ser conhecida e experimentada mediante um envolvimento pessoal. Nossos estudantes precisam saber que o cristianismo não é apenas um conjunto de crenças e nem mesmo a mera aceitação de uma doutrina; o cristianismo se revela em ações concretas, o que equivaleria a dizer, em contrapartida, que aqueles que não se envolvem em ações concretas, não conhecem a redenção, e nem podem experimentá-la.

O meu segundo tópico como fundamento de uma educação superior adventista é a liberdade, que tem que ver com os aspectos cognitivo e emocional.

2. Liberdade: aspectos cognitivo e emocional

A abordagem whiteana de liberdade contribui para a formação de um sujeito pensante, capaz de interagir consigo mesmo e servir aos outros. Neste sentido, creio que a sua noção de liberdade impacta sua práxis pedagógica essencialmente em três aspectos: (1o) possibilitando o desenvolvimento do caráter, (2o) impulsionando uma educação que valoriza o pensamento crítico e (3o) permitindo uma educação que requer o autocontrole.

(1) A Liberdade e o Desenvolvimento do Caráter

Para Ellen G. White, uma importante consequência da liberdade é a possibilidade do desenvolvimento do caráter. Assim ela se expressa:

Deus poderia ter criado o homem sem a faculdade de transgredir a Sua lei [...] neste caso, porém, o homem teria sido não uma entidade moral, livre, mas um simples autômato. Sem liberdade de opção, sua obediência não

teria sido voluntária, mas forçada. Não poderia haver desenvolvimento de caráter.⁴

Deus *criou* o ser humano como entidade moral livre, e, em nome da liberdade humana, permitiu-lhe a possibilidade de transgressão; nesse poder de escolha há desenvolvimento de caráter.⁵ O desenvolvimento do caráter, por sua vez, só seria possível mediante a obediência voluntária. Logo, sem obediência-livre⁶ o caráter não poderia ser plena e adequadamente desenvolvido. Em contrapartida, a obediência forçada estagnaria o caráter humano, pois o tornaria um simples autômato – um robô – sem possibilidade de escolha, o que caracterizaria seres humanos sem liberdade. Percebo, então, uma importante conexão entre o conceito de liberdade de Ellen G. White e a prática educacional: unicamente uma educação que preza pela liberdade é capaz de desenvolver o caráter.

O que isto tem a ver com o Ensino Superior?

Nossos objetivos e práticas educacionais precisam focar no desenvolvimento do caráter de nossos alunos. O que é caráter? É a parte/ elemento do ser humano mediante o qual Deus pode expressar-se na restauração de Sua imagem. Igualmente, é o poder da vontade e autocontrole, os quais constituem os fundamentos para as decisões e ações. É também o raciocínio moral, precedido por motivos e sentimentos.

E o que seria o desenvolvimento do caráter? É o processo de maturidade da potencialidade humana, envolvendo os aspectos físicos, mentais, sociais e espirituais – a integralidade humana. Daí que o Ensino Superior Adventista precisa valorizar uma metodologia que estimule o exercício da

⁴WHITE, Ellen. *Patriarchs and Prophets*, p. 48, 49; outras citações onde Ellen White afirma claramente que o ser humano é uma entidade moral livre: *Patriarchs and Prophets*, p. 48, 331 e 332; *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 216; *The History of Redemption*, p. 30 e 37; *Mente, Caráter e Personalidade*, vol. 2, p. 595.

⁵WHITE, Ellen. *Patriarchs and Prophets*, p. 48, 49: “Our first parents, though created innocent and holy, were not placed beyond the possibility of wrongdoing. God made them free moral agents, capable of appreciating the wisdom and benevolence of His character and the justice of His requirements, and with full liberty to yield or to withhold obedience”... God might have created man without the power to transgress His law; He might have withheld the hand of Adam from touching the forbidden fruit; but in that case man would have been, not a free moral agent, but a mere automaton. Without freedom of choice, his obedience would not have been voluntary, but forced. There could have been no development of character.

⁶Parece-me convidativo, porém não elucidativo, o uso que alguns advogariam em White de “obediência consciente”, a qual tem a ver com amor e serviço. A expressão “obediência consciente” nem sempre revela a noção bastante complexa de obediência de White. Mais do que questão de consciência (versus inconsciente), essa obediência tem a ver com serviço e liberdade, pois um escravo pode obedecer tendo a consciência da sua condição inevitável de escravidão. Por isso, opto pela expressão “obediência-livre”, que mostra a tensão whitena de uma obediência que evidência autonomia.

liberdade, pois só assim a vontade e o autocontrole podem ser desenvolvidos. Meramente “enquadrar” nossos alunos num sistema, tornando quase tudo puramente obrigatório, não colabora na busca da maturidade.

(2) A Liberdade e o Pensamento Crítico

Um segundo aspecto da liberdade em relação com a educação tem que ver com o pensamento crítico. O conceito whiteano de liberdade possibilita e suscita o desenvolvimento do pensamento crítico, no qual se fundamenta a autonomia, e à qual alimenta. Desde seu primeiro texto sobre educação, Ellen G. White valorizou e promoveu uma educação preocupada com o desenvolvimento do pensamento reflexivo, que formasse nos estudantes um elevado senso crítico, tornando-os pensadores e não apenas repetidores do pensamento de outros. Assim ela expressou essa intencionalidade:

Cada ser humano criado à imagem de Deus é dotado de um poder próprio do Criador – a individualidade – poder para pensar e agir. Os homens nos quais este poder é desenvolvido são os que encaram responsabilidades, que são líderes nos empreendimentos e que influenciam caracteres. É a obra da verdadeira educação desenvolver este poder, treinar os jovens para serem pensadores e não meros refletores do pensamento de outros homens. Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, deixem os estudantes serem dirigidos às fontes da verdade, aos vastos campos abertos para pesquisa na natureza e na revelação. Deixem-nos contemplar os grandes fatos do dever e do destino, e a mente se expandirá e fortalecerá (White, 1978. p.17)

O que isto tem a ver com o Ensino Superior?

Nós educadores precisamos ser diferenciados: provocadores, instigadores, facilitadores da compreensão, colaboradores na formação de estudantes pensadores e não meros repetidores de fórmulas estabelecidas. Nesse sentido, não creio que devamos ficar orgulhosos ou achar “o máximo” quando alunos saem por aí meramente repetindo nossas frases e conceitos, ainda que estejam certos.

Além disso, devemos insistir num ensino centralizado no aluno, e não na nossa performance ou no conteúdo. Centralizar o ensino no estudante favorece o cultivo de valores, modelos e interação, o que pode ser importante para o processo de uma educação que se interessa pelo pensamento crítico,

e, em última instância, pela liberdade dos estudantes, pois se há algo de muito positivo que a Universidade pode fazer pelos estudantes é “dotá-los de um poder de discernimento que lhes permita orientar-se devidamente no clima social perturbado pela manipulação” no qual vivemos (Quintas, 2004. p. 17).

Em contrapartida, precisamos evitar a domesticação alienante, como se ensinar fosse meramente um processo bancário, “em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (Freire, 1987. p. 59). Para esta situação, requer-se “libertação autêntica, que é a humanização em processo”, e isto não pode ser resultado de mero depósito, palavras sem sentido, educação não consciente. (p. 67). Nosso aluno do Ensino Superior deve ser educado tanto para a mudança quanto para a estabilidade. Temos o desafio de ensinar-lhe compromisso e lealdade, seja para a manutenção das crenças e paradigmas ou para mudanças às vezes necessárias, preservando a liberdade de escolha, fundamentada nos valores bíblico-cristãos.

(3) Liberdade e o Autocontrole

Uma terceira implicação da liberdade em relação à educação tem a ver com o autocontrole. Devido à amplitude e dilemas da liberdade humana, o ser humano precisa aprender a ser responsável por suas intenções e ações; precisa de limites. Conforme assegura o psicólogo La Taille (1998, p. 53) “a colocação de limites, no sentido restritivo do termo, faz parte da educação, do processo civilizador”, e sua ausência “pode gerar uma crise de valores, uma volta a um estado selvagem em que vale a lei do mais forte”. Todavia, os limites não podem ser impostos pelos outros a vida inteira, num constante processo heterônomo. É necessário o desenvolvimento do autocontrole, onde o sujeito gerencia sua própria vida, impondo a si mesmo os limites necessários.

E como isso pode ocorrer no Ensino Superior?

Eu creio que pequenas ações da nossa parte podem ajudar o aluno a desenvolver responsabilidade por suas intenções e ações, cultivando assim o autocontrole. E podemos praticar isso, por exemplo, pelo modo como cobramos um relatório de leitura. Podemos, por um lado, cobrar um costureiro resumo das ideias principais do artigo ou livro lidos. Por outro lado, podemos estabelecer um critério de compreensão do que foi lido, atribuindo nota a cada critério, e permitindo que o aluno escolha, honestamente, em qual critério ele se encaixa, num processo de auto-avaliação de sua leitura. Por exemplo:

- Ele pode escolher este critério e ganhar nota 10 em seu relatório: “Eu fiz a leitura com total atenção e interesse. Compreendi todas as principais ideias apresentadas pelo autor. Sempre que me deparei com uma palavra desconhecida, consultei o dicionário. Destaquei as afirmações e conceitos que mais me impactaram. Sou capaz de fazer conexão desta leitura com as discussões levantadas em sala de aula. Sou capaz de fazer conexão das ideias do autor com o referencial teórico discutido em sala de aula. Sou capaz de apontar a principal tese do autor e os principais argumentos nos quais fundamenta sua tese. Posso resumir esta leitura em uma ou duas frases curtas”.
- Ou ele pode escolher este critério e ganhar nota 5 em seu relatório: “Eu fiz a leitura com pouca atenção e interesse. Compreendi algumas das principais ideias apresentadas pelo autor. Deixei pra lá as palavras desconhecidas com as quais me deparei. Destaquei as afirmações e conceitos que mais me impactaram. Terei dificuldade em fazer conexão desta leitura com as discussões levantadas em sala de aula. Terei dificuldade em fazer conexão das ideias do autor com o referencial teórico discutido em sala de aula. Terei dificuldade em apontar a principal tese do autor e os principais argumentos nos quais fundamenta sua tese. Terei dificuldade em resumir esta leitura em uma ou duas frases curtas”.

Se fizermos um trabalho claro de explicação e conscientização em sala de aula, antes de pôr em prática um modelo de relatório assim, podemos nos surpreender com a honestidade dos estudantes. E mais do que surpresa, poderemos de fato ajudar os estudantes a desenvolverem responsabilidade por suas intenções e ações, cultivando assim o autocontrole.

O meu terceiro fundamento de uma educação superior adventista é o serviço, que tem que ver com os aspectos físico e social.

3. Serviço: aspectos físico e social

Uma tese fundamental em Ellen G. White é a seguinte: O verdadeiro objetivo da vida é servir;⁷ dito de outro modo: “uma vida de serviço é a verdadeira e nobre vida que o ser humano pode viver”.⁸ Assim, o serviço é um estilo de vida, e não apenas um conceito.

⁷White, Ellen G. *Christ's Object Lessons*, p. 326.

⁸White, Ellen G. “Service”, in *The Sign of the Times*, 25 de novembro de 1903.

Servir é empenhar-se na pregação das Boas Novas do Evangelho, pois cada pessoa foi designada para “ser luz nas trevas morais deste mundo”.⁹ Mas o serviço também se refere ao espírito de desprendimento e solidariedade, no sentido social.¹⁰ Colocar-se à disposição das pessoas – servi-las – é um *processo interno*, possibilitado pela graça,¹¹ que age com “a permissão do agente humano”.¹²

Em ambos os tipos de serviço – o de natureza espiritual e o de natureza social – o ser humano é tido como um *coobreiro* de Deus, pois a realização das ações divinas na Terra depende de pessoas. Na verdade, Deus “não finalizará Sua obra sem os agentes humanos”.¹³

O que isso tem a ver com o Ensino Superior?

O ato de servir – por ser importante – não deve ser deixado ao capricho, e sujeito à inclinação e ao impulso. As ações de serviço precisam ser planejadas, posto que, se entregues à imprevisibilidade humana, existe a probabilidade de serem negligenciadas. De modo que é necessário de uma educação para o serviço. Isto é possível estabelecendo relação entre o conhecimento e sua aplicabilidade. Ou seja: ir além do conteúdo teórico, refletindo sobre as maneiras em que o conhecimento adquirido impacta positivamente o nosso dia a dia. Estamos falando de aplicação.

Por que precisamos fazer isso? Um currículo escolar que considere o serviço atende às necessidades da comunidade em geral e enriquece o aprendizado dos estudantes (Wade, 1997. p. 79). Isso significa que “quando o serviço é integrado ao currículo acadêmico, os estudantes não apenas conhecem as necessidades da comunidade, mas também têm a oportunidade de aprender habilidades acadêmicas e de conteúdo, juntamente com a ação de ajudar” (p. 80). A possibilidade de aplicar o aprendizado traz significado aos assuntos acadêmicos que a Universidade apresenta aos estudantes; por sua vez, a motivação dos estudantes para aprender as diversas disciplinas aumenta quando eles descobrem que poderiam usar o conhecimento para ajudar outros ou melhorar o ambiente. E é justamente aplicando o conhecimento acadêmico nas atividades de serviço que os estudantes rapidamente aprendem que o conhecimento oferecido pela Instituição é “relevante no mundo real”.

⁹White, Ellen G. “The Work for Our Time”, in *The Review and Herald*, 20 de outubro de 1885.

¹⁰Suárez, Adolfo S. A Influência da Educação Escolar Adventista na Identidade e na Fé de Adolescentes, p. 85.

¹¹White, Ellen G. *The Desire of Ages*, p. 195; *Christian Service*, p. 9.

¹²White, Ellen G. *Este Dia com Deus*, p. 122.

¹³White, Ellen G. “Partakers of the Divine Nature”, in *The Review and Herald*, 1 de março de 1887.

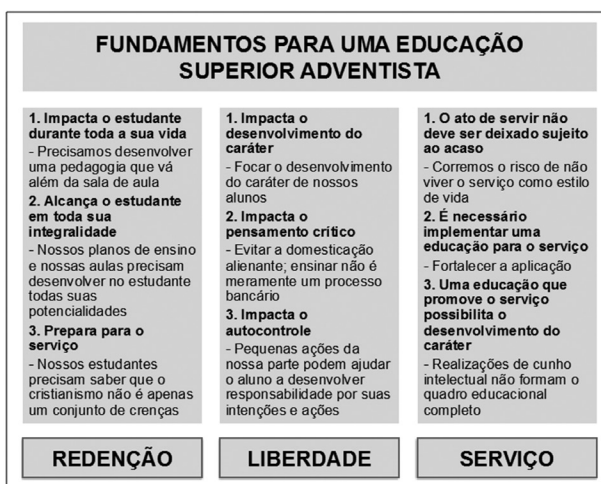
Considerando que o processo ensino-aprendizado é mais produtivo e eficaz quando ocorre mediante a experiência, do que quando apenas lemos ou escrevemos, e compreendendo que “o rendimento acadêmico pode ser melhorado através de adição de um componente de serviço para o currículo”, então é necessário pensarmos numa educação para o serviço, num currículo que considere o servir como objetivo fundamental.

É claro que uma educação que promover o serviço ao próximo estará possibilitando o desenvolvimento do caráter dos estudantes. E no âmago de uma educação que se preocupa com o caráter está a compreensão de que a mera informação e realizações de cunho intelectual não dão conta de um processo que requer muito mais do que isso. Neste sentido, vale a pena refletir nesta pérola de White (1978) que expressa essa ideia:

A verdadeira educação não ignora o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da informação aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter. O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Precisa de homens cuja habilidade seja dirigida por princípios inabaláveis (p.225).

conclusão

A seguir, um resumo do que foi abordado anteriormente:



A Educação Adventista tem pouco mais de 140 anos de existência, e por isso nós educadores e educadoras que trabalhamos no sistema adventista de educação precisamos prestar cuidadosa atenção aos nossos fundamentos educacionais. Eu quero terminar com três reflexões nesse sentido.

1. As mais conceituadas teorias e práticas educacionais sinalizam que, além do pensamento lógico e analítico, os bons modelos educacionais devem enfatizar, também, as habilidades artísticas, expressivas, criativas e **espirituais**. Ou seja, os bons modelos educacionais devem considerar a **complexidade humana**. Ora, nós da educação adventista temos feito isso desde as nossas origens, porque nós praticamos uma educação que **redime**. E o que é redenção? É o resgate da totalidade, da complexidade do ser. Redenção é a transformação total de uma vida. Desde as nossas origens nós valorizamos a complexidade humana. Isso está na principal definição daquilo que nós da educação adventista entendemos como educação: “Educação é o desenvolvimento harmonioso dos poderes físicos, mentais e espirituais”. Isso é estar preocupado com a complexidade humana.
2. As mais conceituadas teorias e práticas educacionais sinalizam que é necessário haver interatividade e diálogo entre o professor, o aluno, o conhecimento e a experiência, objetivando a **autonomia** do estudante. Ora, nós da educação adventista temos isso desde as nossas origens, porque nós somos orientados a praticar uma educação que prepara o estudante para o exercício de seu livre arbítrio, de sua liberdade, estudantes que não sejam meros repetidores dos pensamentos de outros.
3. Finalmente, as mais conceituadas teorias e práticas educacionais sinalizam que, num mundo cada vez mais interdependente, os bons modelos educacionais devem promover e ensinar o voluntariado, a **solidariedade**. Ora, nós da educação adventista temos isso desde as nossas origens, porque nós somos orientados a praticar uma educação que consiste no serviço prazeroso, aqui e na eternidade.

A proposta aqui apresentada é apropriada para os dias em que vivemos e para os desafios que enfrentamos. Os três conceitos aqui destacados

– redenção, liberdade e serviço – atestam para nossas origens e solidificam nossa identidade, preparando os estudantes para refletir sobre os sentidos e fundamentos da educação autêntica.

Adolfo Semo Suárez

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil
email: adolfo.suarez@ucb.org.br

Recibido: 15 de diciembre de 2014
Aceptado: 12 de enero de 2015

Referencias

- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. San Pablo: Editora Paz y Terra.
- La Taille, I. (1998). *Limites: Três Dimensões Educacionais*, São Paulo: Editorial Ática.
- Lima, M., Soares, T., Delbei, L., Backer, J.C. (2012). Fatores críticos de sucesso na educação superior brasileira. *Revista GUAL*. 5 (3), 245-263. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/viewFile/1983-4535.2012v5n3p245/23673>. Acesso em 16 de janeiro de 2015.
- Quintás, A. (2004). *Inteligência Criativa: Descoberta Pessoal de Valores*. Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas.
- Standish, C., Standish, R. (2002). *Uma Visão Adventista da Educação*. Tradução de Gerson Pires de Araújo. Engenheiro Coelho, SP: Gráfica Alfa.
- Suárez, A. (2006). *Influência da Educação Escolar Adventista na Identidade e na Fé de Adolescentes*. *Kerigma* 2(1), 85.
- Suarez, A. (2012). *Redenção, Liberdade e Serviço: Ellen G. White e o processo de construção humana*. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS.
- Wade, R. (1997). "Curriculum Integration". In WADE, Rahima C., (Ed). *Community Service-Learning: A Guide to Including Service in the Public Schools Curriculum*. Albany, NY: State University of New York Press.
- White, E. (1898) *The Desire of Ages. Mountain View*, California: Pacific Press.
- White, E. (1922). *Christian Service, Mountain View*, CA: Pacific Press Publishing Association
- White, E. (1923). *Fundamentals of Christian Education*. EUA. Pacific Press. p. 226.
- White, E. (1941). *Christ's Object Lessons*. Washington, D.C.: *Review and Herald Publishing Association*.
- White, E. (1958) *Mensagens Escolhidas* vol. 1. EUA: Ellen G. White Estate, Inc..
- White, E. (1958). *Patriarchs and Prophets*. California: PACIFIC PRESS PUBLISHING ASSOCIATION. p. 48, 49.
- White, E. (1978). *Education*, California: PACIFIC PRESS PUBLISHING ASSOCIATION
- White, E. (1990). *Mente, Caráter e Personalidade* vol. 2. Santo Andre: Casa publicadora Brasileira.
- White, E. (2012). *The History of Redemption*. California: PACIFIC PRESS PUBLISHING
- White, E. (2013). *Este Dia com Deus*. Santo Andre: Casa Publicadora Brasileira.